

# AS CONTRIBUIÇÕES DOS PARTICIPANTES DA I JORNADA DE EDUCAÇÃO NÃO - ESCOLAR E PEDAGOGIA SOCIAL SOBRE O CONCEITO DE EDUCAÇÃO SOCIAL



**Arthur Vianna Ferreira**

Doutor em Educação (Psicologia da Educação)  
pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**Marcio Bernardino Sirino**

Mestre em Educação pela Universidade Federal  
do Estado do Rio de Janeiro.

**Patrícia Flavia Mota**

Mestre em Educação pela Universidade do Estado  
do Rio de Janeiro.

## RESUMO

Este relato de experiência, fundamentado na Pedagogia Social e na abordagem retórico-filosófica do discurso, objetiva analisar as contribuições dos participantes da I Jornada de Educação Não- Escolar e Pedagogia Social (I JENEPS), desenvolvida pelo projeto de extensão Fora da Sala de Aula, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP), acerca da temática da Educação Social. Nesse bojo, a pesquisa evidenciou a presença do senso comum sobre a referida questão e o alinhamento com o campo da assistência social.

**Palavras-chave:** Educação Social. Pedagogia Social. Práticas Educativas Não-Escolares.

## ABSTRACT

This report of experience, based on social pedagogy and the rhetorical-philosophical approach to discourse, aims to analyze the contributions of the participants of the First Conference on Non-School Education and Social Pedagogy (I JENEPS), developed by the project Out of Classroom, from the Faculty of Teacher Training of the University of the State of Rio de Janeiro (UERJ/FFP) on the theme of social education. In this context, the research evidenced the presence of common sense about this issue and the alignment with the field of social assistance.

**Keywords:** Social Education. Social Pedagogy. Non-School Educational Practices.

## INTRODUZINDO A TEMÁTICA SOBRE EDUCAÇÃO SOCIAL

O projeto de extensão Fora da Sala de Aula: Formações, Representações e Práticas Educativas Não-Ecolares e Atividades Extracurriculares<sup>1</sup>, iniciado em 2016, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP), localizada no município de São Gonçalo/RJ, reúne graduandos da universidade, educadores sociais, professores e comunidade do entorno para estudar sobre Pedagogia Social e as práticas socioeducacionais desenvolvidas na região metropolitana do Rio de Janeiro. Nesse projeto, diversas ações vêm sendo desenvolvidas na perspectiva de oportunizar um espaço de reflexão e discussão acerca das temáticas Educação Social e Pedagogia Social, tais quais: grupo de estudos; debate de documentários (Oficine Social); participação em diversos eventos; promoção de cursos a distância e, ainda, a realização da I Jornada de Educação Não-Escolar e Pedagogia Social (I JENEPS).

O grupo de estudos Fora da Sala de Aula tem como objetivo promover a formação continuada e inicial de educadores de São Gonçalo/RJ a partir da discussão de materiais que retratam os problemas do seu cotidiano. Além disso, introduzimos os alunos de graduação e também toda a comunidade interessada na realidade social de vulnerabilidade vivida pelo município e o esforço dos profissionais da educação em empoderar as comunidades e os indivíduos para assumirem suas responsabilidades frente a uma mudança concreta de vida.

No quadro 1, poder-se-á verificar os textos que foram materiais de estudo para os educadores sociais, alunos, professores e a comunidade local ao longo de 2016. Salienta-se que os aportes teóricos utilizados<sup>2</sup> forneceram subsídio para a compreensão dos dois conceitos – Educação Social e Pedagogia Social – que, embora dialoguem e venham a convergir em diferentes práticas socioeducativas, possuem suas especificidades.

---

1 Projeto registrado sob o nº 4955 do SR3-DEPEXT

2 Os textos estudados pelo grupo Fora da Sala de Aula podem ser encontrados no link: <<https://socializandopedagogias.wordpress.com>>. Mais informações acerca dos momentos vivenciados e das produções elaboradas podem ser encontradas na rede social acessando o link: <<https://www.facebook.com/projexforadasaladeaula/>>.

**QUADRO 1. Referencial teórico estudado no Grupo de Estudos (2016).**

<b>Mês de reunião</b>	<b>Texto e Autor</b>
Abril	A escola: das “promessas” às “incertezas” – Canário (2008).
Maio	Origens da Pedagogia Social – Hans-Uwe Otto (2011).
Junho	Origens da Pedagogia Social – Hans-Uwe Otto (2011).
Julho	Pedagogia Social: a formação do Educador Social e seu campo de atuação – Souza Neto (2010).
Agosto	Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador – Caliman (2010).
Setembro	Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum – Gadotti (2012).
Outubro	A formação do Educador Social e a Pedagogia da Convivência – Graciani (2015)
Novembro	Os conteúdos de uma Pedagogia da Convivência – Jares (2014)
Dezembro	Equilibrando os pratos das demandas sociais: a figura do educador social na educação brasileira – Ferreira (2012)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim, no âmbito dos estudos realizados, entendemos por **Pedagogia Social** o campo teórico da pedagogia que faz a reflexão sobre as práticas educativas oriundas dos grupos sociais vulneráveis e de suas demandas imediatas. A **Educação Social**, por sua vez, é a concretização desse campo teórico, ou seja, a prática pedagógica real desenvolvida por educadores sociais, geralmente, em espaços não-escolares e que ganha diferentes configurações, de acordo com as necessidades dos grupos empobrecidos e a realização de seus processos de fortalecimento de vínculos e processos emancipatórios por meio da educação.

Para esclarecer os conceitos supracitados, citamos algumas reflexões sobre a temática para uma melhor compreensão da teoria que se busca reafirmar com os trabalhos deste projeto de extensão, ensino e pesquisa no Rio de Janeiro.

## A PEDAGOGIA SOCIAL E ALGUMAS REFLEXÕES

Em alguns países da Europa como Espanha, Portugal, entre outros, os estudos sobre Pedagogia e Educação Social são comuns e têm grande importância na esfera acadêmica e na profissional. Hans-Uwe Otto (2011) destaca que educadores alemães discutem sobre Pedagogia Social desde o início do século XX. Outros países também o fazem; alguns, no entanto, sem utilizar esse termo. Destacamos os casos de Jane Addams, nos Estados Unidos, e Paulo Freire, no Brasil.

No primeiro caso, Addams desenvolveu, no fim do século XIX, um trabalho no assentamento Hull House, nos Estados Unidos, com elementos sociopedagógicos, sem abordar esses estudos. Com Freire, já no século XX, a prática da Educação Social tornou-se sinônimo de “Educação Popular”. E, ainda que não tenha sido o autor original dessa concepção teórica, Freire é apresentado como um dos pioneiros da Educação Social e da Pedagogia Social (SILVA, 2016) influenciando vários países.

No Brasil, os estudos de Freire não tiveram o mesmo alcance; já que, segundo Silva (2016), as práticas escolares ainda estão fortemente relacionadas, ao Movimento da Escola Nova e às parcerias, para formação e fomento desse movimento, com agências internacionais, que favorecem grupos dominantes.

No entanto, pesquisas recentes, como a de Graciani (2014), apontam, claramente, a forte influência do referido autor. Para Graciani, uma das pioneiras dessa investigação no Brasil, a Pedagogia Social é descrita como “essencialmente libertadora” (2014, p. 21), pois, a partir do momento em que os sujeitos são conscientizados nas diversas práticas sociais que vivenciam – por meio de um trabalho político e educativo – podem se libertar de estruturas que os paralisam, num movimento de assumir o protagonismo de suas histórias e na busca pela mediação de seus conflitos.

Geraldo Caliman, um dos primeiros brasileiros a se formar doutor em Pedagogia Social, destaca o potencial crítico e transformador dessa Ciência da Educação, pois em sua dimensão social, contribui para reflexões sobre as demandas e conflitos de grupos tradicionalmente excluídos, possibilitando, por meio de ações socioeducativas, criticar comportamentos da sociedade que geram conflitos para os grupos em risco e, ainda, fomentar mudanças nesses grupos e na sociedade.

Para a Pedagogia Social, faz-se importante contribuir para que os sujeitos se conheçam, identifiquem seus conflitos e suas demandas, saibam lidar com as adversidades que surgem em sua vida cotidiana; consigam ainda definir projetos e metas para realizá-los e possam se empoderar na busca por uma

situação melhor para a própria vida. É libertar e emancipar o sujeito em um contexto no qual o pobre precisa aceitar qualquer coisa que seja menos, porque a sociedade diz que ele é menos; e os governantes destinam a ele o que é menor, o pouco, a sobra ou nada. Por meio de um processo educativo crítico e reflexivo, dentro da escola ou fora dela, os sujeitos se apropriam de seus direitos e deveres como cidadãos e protagonizam a busca pela consolidação dos mesmos e pela transformação da sociedade.

Nesse sentido, a Educação Social surge muito antes de estudos da Pedagogia Social, uma vez que ela se constitui como o campo prático dessas reflexões. Para estudiosos que deram atenção à pobreza e à vulnerabilidade social – de Pestalozzi a Freire – por exemplo, a educação é tratada sob uma perspectiva pedagógico-social, por mais que não usassem, especificamente, o termo abordado nesse estudo: Pedagogia Social.

Sendo assim, a origem da Educação Social pode ser situada no período em que processos de urbanização e de industrialização se tornaram cada vez mais intensos, pois os métodos de produção baseados no uso da mão de obra e da terra cederam espaço para técnicas e instrumentos de trabalho. Nesse contexto histórico-social, apresentaram-se diversos problemas que, diretamente, afetaram às famílias, suas crianças e aos jovens. É nesse momento que surgiram teorias que buscavam refletir sobre os problemas identificados.

Os pobres sempre existiram, passam e passarão por situações de conflito e exclusão. A Pedagogia Social estuda esse campo, no qual se pratica a Educação Social: instituições e/ou espaços nos quais as populações empobrecidas são atendidas, assim como as metodologias e os profissionais que nesses atuam.

Os sujeitos atendidos por ONGs, grupos, associações, abrigos, creches etc. são, geralmente, os excluídos pela sociedade, que perdem a força do seu protagonismo e se rendem ao papel que a sociedade entende que lhes cabe. Essa situação gera uma personalidade apática, sem iniciativa de mudança; ou uma personalidade que se rebela optando por uma única estratégia: o uso da violência, uma vez que, sem apreço por si mesmos, os sujeitos percebem que nada têm e atacam o outro, que possui mais do que ele.

Segundo Otto (2011), a Educação Social é um segmento de estudo e pesquisa que parte dos problemas sociais objetivando encontrar uma orientação educacional com vistas a minimizá-los, integrando o indivíduo à sociedade na qual se encontra como *'instrangeiro'*<sup>3</sup> ou *'desfiliado'*<sup>4</sup> – promovendo, num nível de reflexão e práxis, o pertencimento, a inclusão, o funcionamento social do indivíduo, bem como o seu bem-estar e gestão pessoal de sua vida.

Esse campo de estudo pode servir como instrumento para o trabalho social ou para pesquisas em outras ciências sociais, sem constituir em si exclusividade de formação para uma carreira específica. Segundo Otto (2011), embora a Pedagogia Social possa oferecer especialização para os trabalhadores sociais, ela é útil para todos os setores da sociedade, mais especificamente, da academia, fortalecendo, assim, medidas que visem à ajuda social para o *homo educandus*, compreendendo que Educação é um processo para toda vida, em todos os campos do cotidiano.

Muitas vezes, no chão da escola, encontramos aflições sociais que tornam o trabalho nas instituições de ensino formal mais difícil. No entanto, as escolas, por sua vez, ainda não se encontram plenamente instrumentalizadas para lidar com essas questões. Talvez falte discussão, tempo, investimento do governo, profissionais qualificados, famílias e professores interessados – algo que, talvez, ainda não saibamos precisar. Seria necessária uma investigação profunda nesse sentido. Mas, inicialmente, é possível afirmar que, caso existisse um profissional que pudesse estabelecer relações entre os problemas sociais, a realidade da comunidade, os saberes escolares e não-escolares, ajudaria, eficazmente, no processo de ensino e aprendizagem na escola.

Nessa direção, a Pedagogia Social nos mostra parcerias possíveis, caminhos que podemos trilhar em busca do melhor para os sujeitos, no sentido de se libertarem dos grilhões do comodismo, da desesperança, da descrença, da baixa autoestima. Ela traz, assim, uma proposta de estudo da Educação Social para transformação da sociedade.

---

3 Termo criado por Cristovam Buarque em seu livro *Os instrangeiros* de 2002. Refere-se ao indivíduo que faz parte de uma sociedade, no entanto, não tem acesso às facilidades, tecnologia, aparelhos culturais aos quais outros têm acesso.

4 Segundo Robert Castel, desfiliação é um processo por meio do qual o indivíduo não se encontra completamente excluído da sociedade, mas também não ocupa um lugar específico nela. Ele não se sente pertencente àquela realidade, pois há o enfraquecimento dos laços que liga o sujeito às instituições sociais. O autor faz esse estudo em seu livro *"A discriminação negativa: cidadãos ou autóctones?"*.

É importante destacar a necessidade de analisar, sistematicamente, as práticas sociais nesses espaços não-escolares, voltar para a academia, repensar e retornar ao campo, buscando soluções, metodologias e, ainda, verificando avanços na vida dos pobres.

É esse o desafio com que se defrontam a Pedagogia Social e a Educação Social: desreificar as categorias educacionais e desideologizar (*ideologia hegemônica*) as práticas sociais. As relações humanas e o sujeito não são coisas e nem mercadoria. São vidas em busca da liberdade e da realização. (NETO, 2010, p. 35, grifo nosso).

No bojo dessas discussões e reflexões, surge a possibilidade de realização da I Jornada de Educação Não Escolar e Pedagogia Social (JENEPS) em São Gonçalo/RJ. Convém salientar que, durante os 2 (dois) dias de evento – 17 e 18 de novembro de 2016 – a jornada contou com mesas de debate sobre assuntos variados que compõem a realidade teórica e prática da Educação Social na região metropolitana do Rio de Janeiro, como: educação não escolar em comunidades de vulnerabilidade social; educação não escolar e Juventudes: políticas públicas de privação de liberdade; educação não escolar e adultos: gênero e EJA e educação não escolar e Infâncias: educação em museus e etnias indígenas.

Além desses significativos momentos de debate e discussão, a jornada contou, ainda, com duas outras atividades muito significativas: i) roda de conversa sobre educação integral e experiências em educação não-escolar; ii) apresentação de trabalhos e pesquisas em andamento e/ou concluídas para toda a comunidade do entorno da UERJ/FFP. Tais atividades sensibilizaram alunos, professores e pesquisadores sobre a Educação Social e a Pedagogia Social como áreas de atuação legítima para os profissionais da educação. Dentre as atividades desenvolvidas nessa importante troca de conhecimentos, experiências e reflexões destaca-se i o “Mural Interativo”, atividade realizada no pátio da Universidade, que se constitui como objeto de socialização deste artigo.

O Mural Interativo objetivava descobrir o que os participantes da I JENEPS pensavam sobre “Educação Social”. Para essa finalidade, foi disponibilizado, nos corredores da instituição, um mural para que os diversos sujeitos expressassem sua compreensão sobre a referida temática. Ao lado do mural, foi afixado um banner com uma citação de Souza Neto (2012) e um poema – elaborado por um dos integrantes do grupo de estudos – na busca por sensibilizar os passantes sobre a amplitude do conceito de ‘Educação Social’.



A atividade foi mediada por 2 (dois) integrantes do grupo Fora da Sala de Aula e os monitores faziam uma reflexão sobre 'Educação Social', divulgavam as datas dos encontros do 'Oficine Social' e do 'Grupo de Estudos' e, ainda, solicitavam contribuições aos participantes da Jornada sobre suas compreensões no que tange ao conceito de Educação Social. As contribuições ocorriam por meio de uma 'pichação' no referido mural. Momento esse no qual foram oportunizados diálogos e reflexões acerca das construções que elaboramos.

Sinalizamos que esse Mural Interativo, intitulado Espaço reservado para pichadores sociais, foi pensado por conta da especificidade que o município de São Gonçalo<sup>5</sup> dispõe, pois em todas as suas ruas é muito comum encontrar, nos muros das casas ou mesmo das lojas, a seguinte placa: Espaço reservado para pichador amador. Inferimos que essa atitude – criativa, diga-se de passagem – é levada em consideração, pois os 'pichadores' por se considerarem 'profissionais', não querem ser reconhecidos como 'amadores' por picharem em espaços com essa sinalização.

A perspectiva de socializarmos as contribuições desses participantes, nessa atividade da jornada, se alinha com a formação docente inicial e/ou continuada por entendermos que a diversidade de práticas pedagógicas em espaços não-escolares, embasada nos fundamentos da Pedagogia Social, possui uma grande possibilidade de contribuir para a diminuição da dívida histórica de desigualdade educacional. Dívida que, até os dias de hoje, possuímos na medida em que não se proporciona, de forma equitativa, as mesmas oportunidades educacionais a todos os grupos do país, e de maneira especial, aos sujeitos em vulnerabilidade social e econômica.

## **COMO PODEMOS ENTENDER A CONCEPÇÃO DOS PARTICIPANTES SOBRE EDUCAÇÃO SOCIAL?**

Após essa abordagem introdutória, na qual sinalizamos o contexto de realização do Mural Interativo, pontuamos que, nos dias do evento, obtivemos 24 (vinte e quatro) contribuições, ou seja, 40% dos participantes diários do evento. Para análise dessas contribuições, buscamos recolher as metáforas que expressavam o entendimento dos participantes sobre a Educação Social. Essas foram agrupadas a partir de seus temas para que pudessem ressaltar os foros nos quais foram constituídas. Na verdade, em uma análise retórica-filosófica desses discursos, é por meio do foro que vamos poder organizar a força e a intensidade usadas por aquele que profere o discurso para dar suas justificativas sobre determinado posicionamento social referente ao tema que lhe é perguntado.

---

<sup>5</sup> O município de São Gonçalo faz parte da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro e conta com uma população estimada de 1.044.058 habitantes, segundo dados do IBGE (2016).

Estes foram os seguintes sentidos dados pelas metáforas para o tema sobre Educação Social: construção coletiva, transformação, afetividade/respeito e Além da Sala de Aula. Também foram agrupados os discursos que ‘não contemplaram a proposta’, mas que também apareceram como marcas do grupo de participantes da Jornada, quando questionados sobre a Educação Social, cujas temáticas são apresentadas no Quadro 2.

#### QUADRO 2. Uma discussão sobre Educação Social.

(continua)

SENTIDO DOS FOROS TEMÁTICOS	METÁFORAS PRESENTES NOS DISCURSOS DOS PARTICIPANTES DA I JENEPS
<b>CONSTRUÇÃO COLETIVA</b>	<p>“É uma educação <b>de todos para todos</b>”.</p> <p>“Educação Social é o conhecimento <b>que abrange a todos</b>”.</p> <p>“Educação Social é todo aprendizado que se extrai da <b>fértil terra da diversidade</b>”.</p> <p>[José]</p> <p>“<b>Todo contexto social é educativo</b>. Na sociedade tecemos aprendizagens culturais, cotidianamente”.</p> <p>“É um sistema <b>multidirecional e recíproco</b> de ensino-aprendizagem”.</p>
SENTIDO DOS FOROS TEMÁTICOS	METÁFORAS PRESENTES NOS DISCURSOS DOS PARTICIPANTES DA I JENEPS
<b>TRANSFORMAÇÃO</b>	<p>“É a possibilidade de <b>formação integral dos sujeitos</b>. É o acesso a oportunidades educativas por meio de diferentes linguagens”.</p> <p>“Uma Educação Social, a meu ver, deve refletir as concepções de sociedade com <b>a intenção de ressignificar</b> os saberes históricos, culturais e pessoais dos indivíduos”.</p> <p>“A Educação Social pode <b>mudar a sociedade</b>”.</p> <p>“Educação Social seria aquela capaz de <b>transformar a realidade</b> de muitos”.</p>
<b>AFETIVIDADE/RESPEITO</b>	<p>“Conhecimento é <b>bem mais precioso</b> do ser humano”.</p> <p>“Educar é um <b>ato de amor!</b>”.</p> <p>“Educação Social é a forma de educar a partir das relações sociais, de pensar a sociedade na qual vivemos, conscientizar, tornar-se cidadão. É uma educação <b>que faça sentido para a vida</b> de toda a comunidade escolar e não-escolar. A partir dela que podemos sonhar com uma sociedade mais justa, igualitária e melhor. Eduque-se. Eduquemos. <b>A nossa missão é educar</b>”.</p> <p>“<b>Onde – vale +</b>”.</p> <p>“Educação Social é <b>respeitar os alunos da maneira que eles são</b> e ajudá-los a se tornar melhores cidadãos”.</p> <p>“Educação Social é uma forma de <b>manter o respeito</b> entre as pessoas <b>estabelecendo contato</b>. E uma formação de indivíduos e suas subjetividades – sabendo <b>respeitar, assim, a do próximo</b>.”</p>

(conclusão)

SENTIDO DOS FOROS TEMÁTICOS	METÁFORAS PRESENTES NOS DISCURSOS DOS PARTICIPANTES DA I JENEPS
<p><b>ALÉM DA SALA DE AULA</b></p>	<p>“Educação Social é aquela que leva em consideração a <b>realidade na qual o educando está inserido</b>”.</p> <p>“Educação é sempre social. <b>Dentro ou fora da escola</b>”.</p> <p>“É a compreensão sobre a realidade humana e social. É o que vai <b>além dos muros da escola</b>”.</p> <p>“A Educação Social é uma forma mais ampla de aprender, num <b>espaço extraclasse</b>”.</p> <p>“<b>Para além dos muros, cercas e salas</b>. Renunciar para dedicar-se nos múltiplos espaços”.</p>
<p><b>NÃO CONTEMPLA A PROPOSTA</b></p>	<p>“ROTA”.</p> <p>“Só o conhecimento traz o poder”</p> <p>“A universidade era pra ser um espaço de resistência”.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores

A partir do quadro em questão e das metáforas recolhidas e agrupadas pela atividade Mural Interativo, sinalizamos diversas compreensões acerca da Educação Social – como se a mesma fosse um grande ‘guarda-chuva’ no qual se abrigam diferentes e complementares concepções.

Assim, identificamos uma compreensão da Educação Social enquanto uma ação coletiva, e não de uma ou outra instituição específica; o entendimento da Educação Social como um instrumento de transformação; a percepção da Educação Social enquanto um ‘bem’, um ‘ato de amor’ e o desenvolvimento de ‘respeito’ – ou seja, aspectos afetivos; ainda, a identificação da Educação Social como sendo o desenvolvimento de práticas pedagógicas em diferentes espaços sociais – de preferência, fora dos muros da sala de aula da escola.

Todos os elementos e sentidos apontados pelas metáforas dos discursos dos participantes apontam para um dos pontos mais discutidos na Pedagogia Social: a convivência como elemento de transformação, afetividade e construção coletiva de um ambiente de aprendizagem que vai além da dinamização dos conteúdos curriculares.

Conviver significa viver uns com os outros com base em certas relações sociais e códigos valorativos, forçosamente subjetivos, no marco de um determinado contexto social. Estes polos, que marcam o tipo de convivência, estão potencialmente cruzados por relações de conflito, o que de modo algum ameaça a convivência. Conflito e convivência são duas realidades sociais inerentes a toda forma de vida em sociedade. (JARES, 2008, p. 25)

E essa convivência faria referência a conteúdos que cabem em toda prática de Educação Social, tais quais:

Conteúdos de natureza humana: direito à vida e ao desejo de viver, à dignidade, à felicidade, à esperança;

Conteúdos de relação: ternura, respeito, não violência, aceitação da diversidade e rejeição a qualquer forma de discriminação, solidariedade, igualdade;

Conteúdos de cidadania: justiça social e desenvolvimento, laicismo, Estado de direito, direitos humanos. (JARES, 2008, p. 29)

O mesmo autor destaca, ainda, que na Pedagogia da Convivência, a afetividade – presente nos discursos dos participantes da jornada – é necessária nessa relação entre profissionais da educação e os alunos, entre educadores sociais e os sujeitos em vulnerabilidade social.

Nessa perspectiva, Graciani (2011) acrescenta que:

A Pedagogia da Convivência propõe reaprender a utilizar nossos espaços de interação para melhor compreender o outro e suas intenções. É necessária, para isso, uma ética do diálogo que estimule o questionamento, com liberdade, sinceridade e respeito mútuo, sem determinação institucional. Perguntar mobiliza quem questiona e quem formula a resposta (p. 96).

Infere-se que os discursos proferidos pelos participantes da jornada, por mais que sejam da ordem do senso, não se distanciam das reflexões realizadas pelos autores da Pedagogia Social que dialogam sobre a necessidade de convívio e afeto no campo da Educação Social. Isso na medida em que se trabalha com sujeitos que, num processo de exclusão e invisibilidade, têm mais facilidade de ver suas relações rompidas nesse panorama de relações líquidas e de convívio fragmentado, de pouco afeto em sua trajetória, numa sociedade em que impera a fragilidade dos laços humanos.

Na contramão dessa tendência líquido-moderna – em que nada é feito para durar – ressaltamos que, na sociedade, o convívio promovido pelas práticas pedagógicas pode ser fundamental para restaurar laços de solidariedade humana, de grande relevância para que possamos empoderar os sujeitos para a sua própria emancipação.

O principal herói deste livro (Amor líquido) é o relacionamento humano. Seus personagens centrais são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança

do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por “relacionar-se” e, no entanto, desconfiados da condição de “estar ligado” em particular de estar ligado “permanentemente” para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para \_ sim, seu palpite está certo \_ relacionar-se. (BAUMAN, 2004, p. 6)

O convívio é necessário. Ele nos leva a conflitos, aflições, mas também gera aprendizado, conscientização, empatia, emancipação. Nesse campo de pesquisa, para o resgate da autoestima, para o despertar do empoderamento e da emancipação, é importante que as metodologias utilizadas nas atividades socioeducativas tenham tempo e espaço para convivência e afeto, favorecendo, assim, o surgimento de oportunidades para a formação integral desse outro marginalizado, empobrecido, discriminado, negado e invisibilizado.

Por isso, quando os sujeitos da análise discursam sobre um contexto para além dos muros da escola vislumbram a necessidade de um espaço que a escola ‘formal’ parece não oferecer para os que se encontram envolvidos nos seus processos de ensino e aprendizagem: um espaço de convivência no qual todos os sujeitos sejam percebidos e respeitados.

A negação do outro, diferente de mim, tem sido considerada, no mundo contemporâneo, um dos piores fatores geradores de conflitos sociais, dissabores pessoais, revoltas e agressões, entre outros. A invisibilidade do outro que está ao meu lado é um dos componentes do processo da exclusão, seja ela causada por preconceito étnico, cultural, religioso, por discriminação de gênero, opção sexual ou desigualdade social. (GRACIANI, 2011, p. 96)

Para atender às expectativas postas nos discursos desses indivíduos, a formação desse profissional da educação deve aprofundar-se nesse aspecto relacional-social. Apesar das relações líquidas, fragmentadas, existentes em toda sociedade, o educador social precisa se posicionar de forma diferenciada e ter um olhar mais empático com as pessoas com as quais trabalha. Nesse viés, trazemos as contribuições de Ferreira (2012) acerca desse profissional.

O educador social surge no contexto do Terceiro Setor, como o sujeito que se coloca responsável pela organização dos trabalhos socioeducativos proporcionados por suas instituições para atender as distintas e, cada vez mais complexas, necessidades da população civil (p. 101).

O autor destaca, ainda, que a partir do final da década de 70, movimentos sociais criam, no Brasil, oportunidades e espaços educativos direcionados à po-

pulação empobrecida que não era atendida pelo Estado – dinâmica habitual de toda sociedade. Mas que, contemporaneamente, assumia um novo matiz: os grupos passavam a se identificar e a se apropriar dos saberes dos movimentos pelos quais eram atendidos, constituindo uma educação não escolar com intencionalidade (Cf. Ferreira, 2016, p. 25).

Assim sendo, o educador social precisa se familiarizar com o estudo da Pedagogia Social e da Pedagogia da Convivência, pois entendemos que esses campos de estudo favorecem a percepção do tipo de habilidades e competências necessárias para o exercício dessa função e caracterizam o trabalho deste profissional da Educação Social.

Além disso, é fundamental que o educador social conheça a realidade dos sujeitos do seu campo de atuação, tendo em vista o favorecimento do bem-estar social, das transformações sociais e o combate às desigualdades e aos preconceitos. Esse sujeito precisa estar aberto à vivência em diferentes culturas, ao diálogo com os diferentes saberes e à formação integral do indivíduo – que não se dá somente nos espaços escolares.

Enfim, a respeito dos discursos que se enquadram no foro temático “Não contemplam a resposta” desdobra-se um questionamento intrigante e significativo: se os participantes da I JENEPS são, em sua maioria, alunos da universidade e professores em exercício, por que eles não identificam a Educação Social como parte do seu cotidiano escolar? Será que a formação docente inicial contempla esses assuntos de forma adequada? Ou, ainda, o senso comum de ‘educação para os pobres’ traz uma ideia de assistência social para esses sujeitos e, por isso, não tem respaldo na faculdade de formação de professores?

As perguntas e as investigações permanecem e continuam para os pesquisadores do campo de Educação/Pedagogia Social.

## **É POSSÍVEL FINALMENTE CONCLUIR A DISCUSSÃO?**

A análise parcial dos conteúdos coletados no Mural Interativo indica a presença do senso comum sobre Educação Social associada a uma educação ainda enraizada na questão assistencialista e da ordem subjetiva da afetividade. Pode, assim, estar desvinculada de uma concepção de educação potencializadora em espaços de transformação dentro da sociedade brasileira, seja no contexto escolar ou não.

Nesse sentido, faz-se necessário salientar que o senso comum, de acordo com Saviani (1996) é “um conjunto de ideias fragmentadas, isoladas, preconcebidas e iniciais que são articuladas entre si e que servem de base para a construção de uma ciência, ou da compreensão da mesma” (p.5), que se ali-

nha com a discussão provocada pela atividade e com as análises preliminares realizadas até o presente momento pelo nosso projeto de extensão.

Assim sendo, quando questionamos o que os participantes pensavam sobre Educação Social, nosso maior objetivo era recolher essas ideias do senso comum porque elas são, para nós, duas diretrizes: a possibilidade de novas reflexões a respeito da temática no nosso grupo de estudos e pesquisas sobre educação não-escolar e Pedagogia Social; ainda, o indício de possíveis representações sociais sobre Educação Social para os profissionais da educação.

No que tange a primeira perspectiva, entendemos que as contribuições dos participantes servirão de instrumento para organizarmos, nos próximos anos, os trabalhos do grupo como um todo. Com relação à segunda vertente, consideramos que o senso comum é o material das crenças – que são o grau mais periférico das representações sociais (Cf. DOISE, 2001) e que merecem também uma atenção especial a ser desenvolvida no futuro pelos pesquisadores sobre Educação Social.

Desse modo, esse senso comum se configura como matéria bruta fundamental para início de um diálogo em busca da desconstrução de possíveis preconceitos a respeito do trabalho educacional fora do ambiente escolar como emancipador, reflexivo e basilar para a construção de relações educacionais de todos os tipos, inclusive, as escolares.

No entanto, para que essa possibilidade aconteça, faz-se necessário passar do senso comum à consciência filosófica que, segundo Saviani (1996), significa “passar de uma concepção fragmentária, incoerente, desarticulada, implícita, degradada, mecânica, passiva e simplista a uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita, original, intencional, ativa e cultivada” (p. 6).

O assunto não se encerra. A discussão não se conclui, mas, na verdade, se abre para contínuas e necessárias reflexões sobre Educação Social, Pedagogia Social, práticas educativas com camadas empobrecidas e muitos ‘muais’ que ajudem na interação entre os graduandos em processo de formação docente e os educadores sociais envolvidos na realidade de vulnerabilidade social. Todos portadores do desejo de emancipação dos bairros periféricos dessa região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUARQUE, C. **Os Instrangeiros: a aventura da opinião na fronteira dos séculos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

CASTEL, R. **A discriminação negativa: cidadãos ou autóctones?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DOISE, W. Atitudes e representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

FERREIRA, A. V. **Representações sociais e evasão em espaços educacionais não- escolares**. Curitiba, PR: CRV, 2016.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais e identidade profissional: elementos das práticas educacionais com os pobres**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

GRACIANI, M. S. S. A formação do Educador Social e a Pedagogia da Convivência. In RAMOS, M. F.; ROMAN, A. **Educadores sociais: a importância da formação na implementação de tecnologias sociais**. Brasília, DF: Fundação Banco do Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Social**. São Paulo: Cortez, 2014.

JARES, X. **Pedagogia da Convivência**. São Paulo: Palas Athenas, 2008.

OTTO, H. U. Origens da Pedagogia Social. In: SOUZA NETO, J. C.; MOURA, R. (Orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2011.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas (SP): Autores Associados, 1996.

SILVA, R. da. **Los fundamentos “freireanos” en la construcción de la pedagogía social de Brasil**. *SIPS – Pedagogia Social*. Revista Interuniversitaria. n. 27, 2016.

\_\_\_\_\_. Visão e concepções necessárias a Teoria Geral da Educação Social. In: SOUZA NETO, J. C.; MOURA, R. (Orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2011.

SOUZA NETO, J. C. Pedagogia Social: A formação do Educador Social e seu campo de atuação. **Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES**. Vitória (ES), n. 32, p. 29-64, jul/dez 2010.